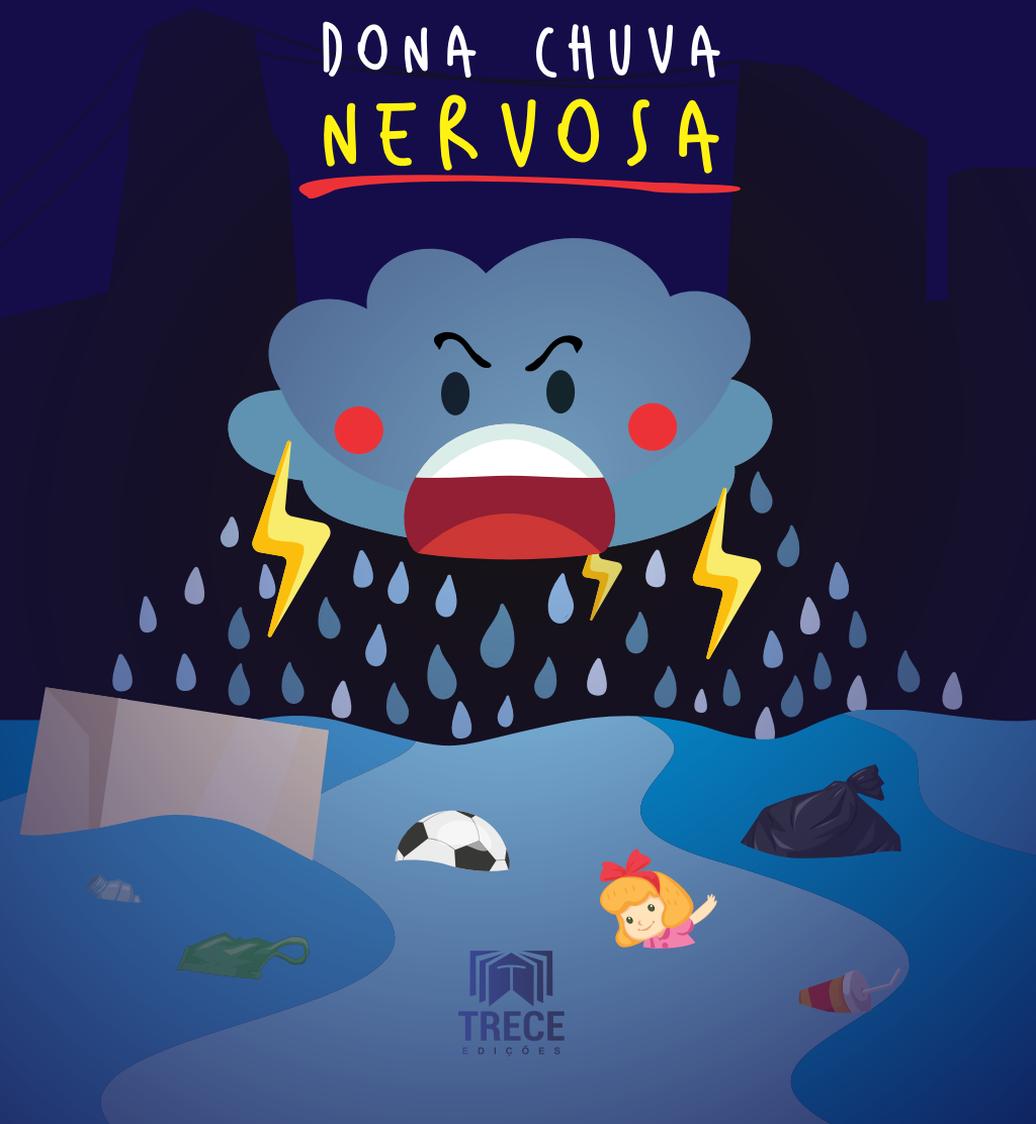


Magda Trece Ribeiro
Ilustrações: Monise Pedrosa

DONA CHUVA NERVOUSA



Magda Trece Ribeiro
Ilustrações: Monise Pedrosa

DONA CHUVA NERVOSA



Mar de Espanha
2021

@Magda Trece, 2021

Coordenação editorial: Magda Trece

Revisão: Leila Rose Márie Batista da Silveira Maciel

Projeto gráfico, diagramação e arte final: Monise Pedrosa

Capa e ilustrações: Monise Pedrosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T 784d

Trece, Magda

Dona chuva nervosa [Recurso eletrônico] / Magda Trece ;
ilustrações Monise Pedrosa. – Mar de Espanha, MG : Trece Edições,
2021.

1 recurso *on-line* : 3000 kb

Modo de acesso: <https://www.mardeespanha.com>

ISBN 978-65-00-16510-4

1. Literatura Infantojuvenil brasileira. I. Pedrosa,
Monise. II. Trece Edições. III. Título.

CDD: 808.899282

Ficha catalográfica elaborada por Marília Lopes Guimarães Pedrosa - CRB6 /1421

Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida em todo ou em parte
sem a devida autorização da autora.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

Contatos com a autora:

Magda Trece Ribeiro

www.trece.com.br

✉ magda@trece.com.br

📧 @magdatrece

📘 facebook.com/magdatreeceribeiro

☎ (32) 98853-0015



Dedico este livro a todas as pessoas que
vêm em situação de risco.



O medo de Rebeca



Era um daqueles dias quentes de verão. Daqueles em que o suor escorre pela testa e o cansaço toma conta do corpo. A noite já estava batendo na porta, mas o calor insistia em incomodar as pessoas.

Aparecida lavava uma trouxa de roupas, enquanto Zeca, mal-humorado, reclamava:

—Hoje vai cair uma daquelas chuvas perigosas. Tá abafado demais! Também, esse povo corta as árvores como se estivessem cortando cabelo e poluem o ar com suas chaminés e carros como se a natureza não tivesse “pulmão”. A natureza anda irritada com a gente.

— Paaaaiiii!!! Mãaaaae!!!!

— O que foi, Rebeca, perguntou Aparecida assustada. Parece que viu assombração!

— Vocês precisam fazer alguma coisa!

— Pare de gritar, menina, e conte logo o que aconteceu, disse Zeca bravo com a filha.

— Pai... lembra-se do barraco da Clotilde que despencou lá de cima do morro?

— Claro que me lembro, quem poderia se esquecer daquela tragédia?

— Pois é, pai, estão construindo outro barraco ali, ali pai, no mesmo lugar.

Alguém tem que falar com eles que é perigoso!



E Rebeca, com seu jeitinho nervoso, não conseguia parar de falar, gesticular e andar de um lado a outro.

A mãe, que conhecia bem a filha, sabia que seria difícil acalmá-la.

— Calma, querida, alguém já deve ter dito aos moços do barraco da Clotilde o que aconteceu.

— Claro que não, mãe! Se tivessem dito, eles não construiriam lá. Vai lá pai, vai?!

— Eu não! Eles sabem que isso é perigoso e insistem em continuar, disse Zeca, limpando o suor da testa e entrando para a cozinha.

Rebeca não se deu por vencida e foi atrás do pai tentando convencê-lo.

— Pai, o senhor sabe que, quando a chuva vier, o barraco vai rolar morro abaixo, matando pessoas e derrubando as outras casas...

Mas Zeca, que havia perdido o emprego há muito tempo, não queria saber dos problemas dos outros, entrou no quarto e fechou a porta.

Rebeca, quase chorando, voltou ao quintal para tentar convencer a mãe a ajudá-la.

— Mãe...

— Filha, depois que eu terminar de lavar as roupas da Dona Célia, eu dou um pulinho lá e converso com eles. Agora, vá tomar o seu banho, logo vai cair a maior chuva e aí você não poderá ligar o chuveiro.

Apesar de contrariada, Rebeca atendeu ao pedido da mãe, pois seu medo de chuva era muito grande.

Quando a chuva vinha “nervosa”, derrubava barracos, alagava as casas e trazia doenças para o povo do seu bairro.

Enquanto isso, o céu se cobria de nuvens pretas e carregadas.

Aparecida terminou, rapidamente, de lavar as roupas e foi estendê-las em cima da laje, no varandão.



O Jogo de Futebol



Rebeca, de banho tomado, com uma camisolinha de flores vermelhas, foi para a janela olhar os meninos que ainda brincavam na rua. Zeca estava assentado na sala, lendo o jornal à procura de emprego.

Lá fora, era uma bagunça só. Os meninos corriam, jogavam, gritavam e sorriam.

— Meu Deus..., disse Rebeca para si mesma. Que brincadeira sem graça essa dos meninos! Todos correndo, caindo, machucando, atrás de uma bola. Eles deveriam fazer como nós, meninas, cada uma com sua boneca...

Pedro parou de jogar bola e foi comer uma pipoca que o Sr. Joaquim deu a ele. Engoliu tudo rapidinho, amassou o saquinho, jogou-o no chão e voltou correndo para o futebol.

Carlos, todo molhado de suor, com as bochechas vermelhas, entrou no boteco do Sr. Joaquim e saiu tomando um fresco em um copo descartável, que logo foi abandonado na calçada para não perder tempo, pois a chuva estava chegando e a brincadeira estava boa demais!!!

— Pai..., como esses meninos são porcos! Eles jogam tudo nas calçadas. Parece que nunca viram uma lata de lixo. Aff!!!

Zeca, sem tirar os olhos do jornal, resmungou alguma coisa e Rebeca desistiu de conversar com o pai. Ultimamente, ele estava revoltado demais com a falta de emprego.

— Pedro!! Pedro!! Gritou Rebeca, tentando chamar a atenção do amigo.

— Pegue aquele copo que o Carlos jogou no chão, ele está em cima do bueiro.

— Agora não posso, Rebeca, estou jogando e vou fazer um lindo gol para você.





VEM CHUVA AÍ,
GENTE EEEEEEEEE!!!

As mães começaram a chamar seus filhos. O céu, rasgado por muitos relâmpagos, já estava completamente negro. O barulho dos trovões assustava sobretudo os mais velhos.

Somente as crianças pareciam não perceber a gravidade do que estava por vir. Elas só começaram a se retirar quando os pingos ENORMES da chuva caíram em seus rostos suados.

Algumas crianças ainda insistiam em ficar na rua.

Paulo tentou convencer os amigos de irem para o campinho no alto do morro.

— Vamos prá lá, gente, vamos continuar nosso jogo embaixo da chuva. É uma delícia, a gente nem sente calor e lá não tem árvores para atrair raios.

— Ficou maluco, moleque? Gritou seu Joaquim, que fechava rapidamente as portas de ferro do seu comércio, com medo de a água entrar.

— Você não pode ir para lugar descampado e alto. Lá, você vira “churrasquinho de gente” rapidinho.

Os meninos desistiram da ideia de Paulo e correram para suas casas.

A rua ficou deserta, o silêncio só era rompido pelo barulho das janelas se fechando e dos trovões, que anunciavam, solenemente, a chegada da Dona Chuva.



A água começou a cair com fúria.

Pelas vidraças, era possível ver as velas se acendendo uma a uma em todas as casas, como se fossem um pisca-pisca de Natal. A luz sempre acabava nessas horas. Talita, amiga de Rebeca, costumava dizer que a luz elétrica e a chuva são inimigas — quando uma chega, a outra sai.

— Rebeca fechou a janela e foi procurar Aparecida, que já estava na cozinha preparando o leite que sempre fazia para a filha tomar antes de dormir.

Nessas ocasiões, quando o perigo é eminente, as pessoas dormem mais cedo, talvez com a esperança de que tudo amanheça bem.

— Mãe..., você não conseguiu falar com os moços do barraco da Clotilde, né?

— Não deu tempo, meu amor, a chuva caiu antes. Mas amanhã bem cedo eu prometo que vou lá.

— Por sorte, eles ainda não estão morando lá, né mãe?

— É sim, querida, agora tome seu leitinho e vá dormir.

Rebeca era uma menina esperta. Ela sabia defender suas ideias e lutava pelo que acreditava estar certo, mas era inteligente o suficiente para saber quando não havia mais nada a ser feito. Ela usava sempre um rabo de cavalo com lindas fitas coloridas. Retirou, com força, a fita do cabelo, suspirou fundo, beijou sua mãe e foi para o quarto de cabeça baixa.

As velas foram se apagando num ritual de preces e magia, como se cada morador pedisse a Deus para continuar iluminando suas casas.

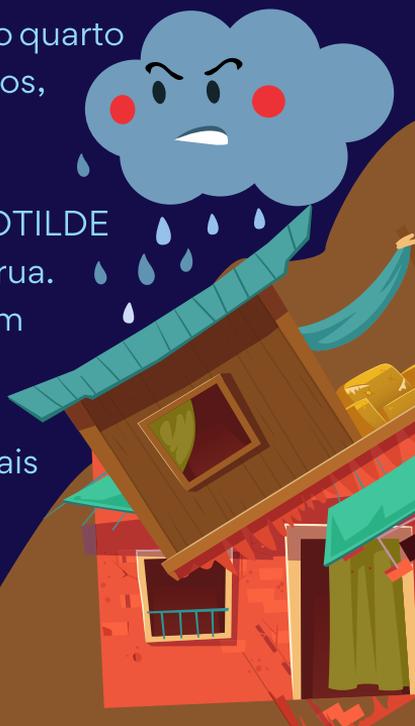


O último a apagar a vela e a deitar-se foi o Zeca. Coitado do Zeca, ele não era mal-humorado antes de perder o emprego. Os tempos estavam difíceis para ele e, com tantas preocupações, rolou na cama durante muito tempo e, por fim, adormeceu, pois o cansaço tomou conta de seu corpo. O sono não durou muito tempo... Zeca foi acordado por um barulho ensurdecedor.

— Meu Deus, o que foi isso? Gritos, correria, confusão...

Rebeca já estava na porta do quarto dos pais, com os olhos arregalados, quando eles correram para ver o que havia acontecido.

— FOI O BARRACO DA CLOTILDE QUE CAIU! Alguém gritou lá da rua. Zeca e Aparecida se entreolharam rapidamente e seus olhos foram pousar no rosto triste da menina. Mas a confusão era grande demais para eles conversarem naquele momento.





A ENCHENTE

A água, sem pedir licença, entrava pelas portas e janelas de forma impiedosa e rápida, como se fosse um ladrão. Os moradores, assustados, tentavam salvar o que tinham de mais valioso: seus filhos e os idosos. Alguns ignoravam o perigo e se arriscavam a buscar algumas coisas que não aceitavam perder; afinal, o pouco que tinham foi conquistado com muito trabalho.

Ouviam-se gritos de pais desesperados vendo sua geladeira, que ainda estava sendo paga, boiando pela rua.

Ouvia-se o lamento da mãe: Meu Deus, meu Deus..., enquanto tentava segurar sua televisão, que já estava no terreiro do vizinho.

A boneca de Laura parecia dançar sobre as águas e já estava perto do poste, bem longe de sua casa.



A bola do Paulo entrou pela janela de um carro que flutuava de um lado a outro como se fosse um barco.



Ninguém sabia mais de quem eram todas aquelas roupas misturadas que boiavam rua abaixo. Pareciam estar vivas, como se estivessem participando de uma prova de natação.

A expressão no rosto das crianças era o que mais doía. Elas estavam tristes por verem seus pais tão apavorados. Estes se sentiam desprotegidos diante da grande tragédia. As lágrimas rolavam por seus rostos. Eles olhavam para tudo aquilo como se não acreditassem no que estava acontecendo.





Mas a água não se importava com as dores daquelas pessoas, continuava a entrar cada vez mais rápido, subindo, subindo... subindo até o telhado, como se fosse um gato esperto.

As pessoas se ajudavam da forma como podiam. É im-pres-sio-nan-te como as pessoas mais necessitadas são as que mais têm a oferecer nessas horas. Mesmo diante de tantas perdas, elas continuam com a certeza de que vão reconstruir tudo novamente.

A madrugada não seria nada fácil para aquelas famílias.





O DIA SEGUINTE...

A chuva foi se retirando aos poucos, com jeito debochado, com ar de quem já havia feito tudo o que queria, como se estivesse se vingando dos Pedros e Carlos que jogam lixo nos bueiros, não deixando que ela siga seu curso naturalmente.

O sol chegou triste, devagar, como se estivesse com medo de maltratar aquele povo sofrido.

As pessoas foram para as ruas como se fossem um exército, e, em vez de armas, empunhavam pás, vassouras e baldes. Era uma guerra... contra o tempo, o frio, o barro, as lembranças... Mas elas tinham fé e solidariedade, isso era o suficiente para uma reconstrução. Só faltava ensinar aos Pedros e Carlos a não irritarem tanto a Dona Chuva.

Zeca parou de “varrer a lama”, abaixou-se na altura dos olhos de Rebeca, que catava os entulhos do bueiro, e disse bem baixinho:

— Filha, você estava certa! Se cada um de nós jogar, ao mesmo tempo, pequenos papéis de bala no chão, eles se transformarão em uma enorme “manta de retalhos”, cobrindo todos os bueiros e alimentando as muitas enchentes que entrarão em nossas casas, destruindo nossos sonhos e conquistas.

Rebeca estava feliz por ter ensinado algo tão importante a seu pai, e voltou a catar o copo descartável do Carlos, o saco de pipocas do Pedro, o papel de chocolate da Amanda, o palito de picolé da Clara...



Dizem que Dona Chuva nunca mais conseguiu fazer “estragos” naquele bairro.

Dizem até que ela não é mais “nervosa” e que faz um barulhinho gostoso de cachoeira quando desce livre, feliz e brincando pelo bueiro:





Meu nome é Magda Trece Ribeiro.
Eu nasci em um lugar muito especial:
Mar de Espanha.

Mas lá não tem mar e nem pensar em Espanha,
é em Minas mesmo uai.

Amo minha filha, minha família, meus amigos,
passarinho cantando, goiabada com queijo e minha
cachorrinha Duda abanando o rabo de alegria
quando chego em casa.

Adoro inventar histórias e brincar de ser feliz.

Inventar histórias é mergulhar de cabeça
na alma e no coração das crianças.

Mergulho... cachoeira... água...chuva...
Huuuummmm... acho que isso dá história.

